

BIBLIOGRAFIA

HAROLD D. LASSWELL: *The selective effect of personality on political participation*, in *Studies in the scope and method of "The Authoritarian Personality"*. — Ed. by Richard Christie and Marie Jahoda, The Free Press, Glencoe, Illinois, 1954; págs. 197-225.

Uma das características marcantes da moderna orientação dos estudos de comportamento político é o interesse por uma colaboração estreita entre cientistas políticos e psicólogos.

Com efeito, quando tratamos de questões de participação política, isto é, quando procuramos compreender o recrutamento dos adeptos de determinada definição política, entramos num terreno de atitudes, interesses, símbolos, para cuja compreensão se tornam indispensáveis os métodos e mesmo os modelos teóricos dos psicólogos. Assim, se por exemplo, a análise da emergência e persistência da definição do *nacionalismo* pode ser feita essencialmente em termos da estrutura sócio-econômica e política, prescindindo da referência à pessoa, já o estudo do *nacionalista* obriga a tal referência e orienta para a compreensão dos motivos que impõem à adoção daquela definição.

Os problemas de participação política costumavam colocar-se, até recentemente, em termos do estabelecimento de uma correlação entre a posição do agente na estrutura sócio-econômica e seu comportamento político. Essa correlação, que revela a influência da posição sócio-econômica na adoção de atitudes, símbolos etc. — fatores explicativos imediatos do comportamento político — permite, na verdade, atender às necessidades da previsão em grosso. Mas se considerarmos que ocupantes da mesma posição sócio-econômica podem manifestar comportamentos diferentes, enquanto ocupantes de posições sócio-econômicas diferentes podem manifestar o mesmo comportamento — o que é revelado pela própria margem eventual de comportamento discrepante da correlação —, torna-se claro que para as próprias necessidades de previsão seria mais vantajoso lidar com os fatores explicativos imediatos referidos acima. Colocar-se-iam, então, questões da ordem seguinte — a que diferentes motivos correspondem os vários comportamentos políticos? A que alternativas de comportamento pode corresponder um mesmo motivo? E nessa base, procurar-se-ia, com a indispensável colaboração do psicólogo, construir um mapa de distribuição de atitudes, perspectivas, símbolos adotados etc., referentes às diversas respostas que se tratasse de explicar.

No quadro de referências para investigação na Ciência Política apresentado por Lasswell e Kaplan na obra "Power and Society"¹ estão presentes alguns elementos altamente interessantes para a focalização de questões de participação política. Em concordância com o referido esquema, o sujeito da ação, a *pessoa*, pode ser considerado enquanto membro de um *agregado*, um nós, com o qual se identifica através do uso de *símbolos*, traduzindo possivelmente sua auto-representação em respostas

(1) *Power and Society* — a framework for political inquiry — Lasswell, Harold D.; and Kaplan, Abraham; Londres, 1952, principalmente a primeira parte.

tendentes a melhorar a posição do agregado com o qual se identifica na constelação de poder. Cada agregado pode representar uma série de reivindicações, expectativas, opiniões. Uma perspectiva seria uma configuração de identificações, reivindicações, expectativas, opiniões. A perspectiva não constitui necessariamente um todo logicamente unificado, sendo mesmo possível o conflito entre seus diversos termos componentes. Mas de qualquer forma ela representa uma unidade com referência ao agregado, que, por sua vez, pode se compor /de pessoas heterogêneas, polarizadas, entretanto, em torno de uma perspectiva.

Dentro de tal esquema, o estudo da constituição dos diversos agregados nos conduz à análise de aspectos referentes à manipulação de símbolos e opiniões, à liderança e organização etc. Dessa forma passam a ser explicados problemas como o da formação eventual, para fins da execução /de determinado ato político (eleições, por exemplo), de agregados constituídos às vezes de pessoas heterogêneas, não só com relação à posição sócio-econômica, como mesmo em relação a identificação, reivindicações ou opiniões. Isso se dá, é claro, na medida em que são manejados, simultaneamente, símbolos e representações dirigidos a êsses elementos heterogêneos e capazes de orientar seu comportamento na direção desejada.

O que foi exposto até aqui nos servirá como ponto de referência para estabelecer as peculiaridades da linha de colaboração entre a psicologia e a ciência política, preconizada por Harold Lasswell no seu trabalho "The selective effect of personality on political participation", com o qual contribui, juntamente com outros cientistas, para a análise dos aspectos mais significativos da obra "The Authoritarian Personality"².

Nessa obra, foi estudado exhaustivamente um tipo de personalidade que representa uma reação à ansiedade e repressão, através do desenvolvimento de mecanismos obsessivos-compulsivos, aos quais se liga a repetição de modos simplificados de pensamento e expressão. O trabalho representa o resultado dos esforços de uma equipe de psicólogos que refinaram métodos e técnicas visando o estudo da relação entre personalidade, discriminação social e ideologia política. Êsses esforços se situam dentro de uma linha de investigações sobre a dinâmica do preconceito, investigações das quais Lasswell extrai, como contribuição para a ciência política, um conceito de personalidade centrada no poder ("power centered personality"). A elaboração desse conceito se processou através do estudo detalhado das situações de que um indivíduo participa num determinado período de tempo, com a descrição do grau em que procura impor-se aos outros, através do uso de meios coercitivos.

Na utilização do conceito, recorre Lasswell à noção de "valor" e à tabela de valores por êle já elaborada em outras obras (que inclui o *poder* ao lado da *riqueza*, *conhecimento* etc.) — que passa a empregar, agora, de um ângulo psicológico. Na obra *Power and Society*, por exemplo, a questão se coloca essencialmente em termos da distribuição do valor ou valores entre os membros individuais ou coletivos do grupo considerado. Assim, se consideramos o quadro relativo ao valor *poder*, constatamos que o próprio esquema referente à *pessoa* não ultrapassa o nível dos fatores explicativos imediatos da participação política a que fizemos alusão na primeira parte desta resenha, isto é, o plano da possível influência dos agentes na constelação de poder.

(2) "The Authoritarian Personality" — Adorno, T. W.; Frenkel-Brunswik Else; Levinson, D. J.; Sanford, R. N.; in collaboration with Aron Betty; Levinson, Maria H. and Morrow, W. — Harper & Brothers, Nova York, 1950.

Na obra que resenhamos, entretanto, altera-se o foco de atenção, que se torna essencialmente psicológico — o problema que se levanta é o da orientação para os diversos valores *dentro da estrutura de personalidade*. É dessa ordem a questão da predominância do valor *power* na personalidade centrada no poder, explicada por Lasswell como defesa contra a limitação ao acesso aos outros valores. Ou questões como as seguintes — em que medida as frustrações com relação a alguns valores precipitariam o ajustamento da personalidade em termos de poder? Em que condições o conflito interno é resolvido através do desempenho de um papel ativo ou, ao contrário, pela fuga, agressão ou suicídio?

De qualquer forma, o problema essencial passa a se localizar no ritmo interno do sistema de personalidade à luz do qual unicamente se interpretam as respostas. Naturalmente, na medida em que fôr possível estabelecer uma correlação entre determinadas respostas, inclusive políticas, e um tipo de personalidade, não apenas o psicólogo poderá fazer previsões de comportamento para um determinado tipo de personalidade, como o cientista político ganhará elementos para a compreensão do comportamento dos agentes. Mas se consideramos que não só uma personalidade centrada no poder pode exteriorizar seus impulsos destrutivos ou hostis, escolhendo entre diferentes alvos possíveis, como também personalidades do mesmo tipo podem eventualmente orientar-se para definições diferentes, nas quais, entretanto, encontrem satisfações análogas, torna-se claro que o problema da explicação propriamente dita passa a colocar-se no nível dos comportamentos individuais.

Lasswell propõe também algumas questões relativas ao desempenho dos papéis políticos — em que extensão os líderes, na política moderna, se recrutam entre personalidades centradas no poder ou de outro tipo? A que tipo de personalidade pertencem os detentores de poder efetivo nas diversas comunidades? Quais os tipos de personalidade mais equipados para o exercício de determinados papéis?

Discutindo as relações entre a psicologia e a ciência política e preconizando o seu intercâmbio, não nos parece que as importantes contribuições dos psicólogos estudiosos dos problemas da dinâmica do preconceito tivessem sugerido a Lasswell pistas metodológicas mais fecundas para a ciência política do que as já desenvolvidas por ele anteriormente em outros trabalhos. A própria sugestão de aplicação que ele recolhe é nitidamente psicológica, o que provavelmente resulte antes de uma aceitação de certas premissas daqueles investigadores.

Com efeito, a preocupação com o problema do preconceito, principalmente étnico, levou ao interesse pelos meios de influir na situação, sem apelar para a transformação estrutural e superando o irreversível histórico das condições em que o padrão se formou. Passou-se, assim, a encarar essencialmente os agentes, representantes de um determinado tipo de personalidade, caracterizada como não-democrática e tendente ao preconceito. Deslocada do contexto estrutural, a questão passava a colocar-se — teoricamente, mas em perspectiva aplicativa — nos seguintes termos: atacando-se as condições de frustração, repressão, ansiedade, responsáveis por tal tipo de personalidade, evitar-se-ia a existência de executores para o padrão indesejável e, portanto, eliminar-se-ia o próprio padrão.

As principais contribuições dos psicólogos da “dinâmica do preconceito” para a ciência política obedecem à mesma orientação; elas visam ao estabelecimento da relação entre comportamentos políticos considera-

dos indesejáveis e um tipo de personalidade cuja constituição se deverá evitar.

Mas a discussão desse programa de aplicação escapa aos limites desta resenha.

Paula Beiguelman

WERNER AULICH: *O Paraná e os Alemães. Estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos*. Comissão de Festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná, Curitiba, 1953, 216 págs., ilustr. Texto em português e alemão.

Publicação comemorativa do 1.º centenário da emancipação política do Estado do Paraná, o trabalho de Werner Aulich tem o fito de apresentar um quadro geral, ainda que necessariamente resumido, da colonização alemã no Estado vizinho, no que se refere aos seus variados aspectos históricos e sociológicos, desde os seus inícios há mais ou menos 130 anos. Não se limita o autor, portanto, a reunir, de forma seletiva, o material existente sobre as diversas correntes imigratórias, oriundas de várias partes da Alemanha e de zonas européias de colonização alemã (como, p. ex., os alemães do Rio Volga), historiando a sua atividade rural e citadina, de colonos, lavradores, fundadores, de descobridores, artesãos, comerciantes, industriais e intelectuais. Apresenta também uma análise sociológica das tensões que surgiram nos processos de integração e mudança cultural, dos problemas de marginalidade, assimilação e aculturação, dos choques entre as "particularidades trazidas" e as "particularidades encontradas", dos antagonismos entre o "anseio pelo novo" e o "apêgo ao velho".

A interpretação da transformação do imigrante, de colono, inicialmente forçado a adotar o sistema da agricultura extrativa, em genuíno lavrador e, por vezes, em dono de grande empresa agrícola — para dar apenas um exemplo — elucida a influência de fatores culturais tipicamente germânicos (particularidades trazidas), ao passo que — para dar outro exemplo — as transformações sofridas pela vida associativa e recreativa, no jogo entre adaptação íntima e manutenção de formas tradicionais exteriores, mostra muito bem a influência do ambiente físico e cultural brasileiro (particularidades encontradas).

As categorias da sociologia e da antropologia cultural, manejadas com desenvoltura pelo autor, parecem em si suficientes para explicar os fenômenos descritos. A tentativa de aplicar categorias caracterológicas complica, ao que parece, o esquema do trabalho pelo menos na sua forma atual já que o autor não define exatamente a sua concepção desse ramo de psicologia, de significado extremamente vago e multifacetado. Não se nega naturalmente que a interpretação psicológica por exemplo da marginalidade seja de alto interesse como se vê pela análise da artificialidade e do "disfarce", que ocorrem quando o imigrante procura apresentar "aparências que não têm fundo adequado, quer no íntimo das experiências do indivíduo, quer na realidade exterior". Tal análise, entretanto, não requer o recurso a métodos especificamente caracterológicos, ainda em plena fase de elaboração.

O trabalho de Werner Aulich distingue-se pela objetividade desapixonada com que o material é apresentado. Evitando o tom apologético, tão freqüente em estudos semelhantes, o autor prestou uma colaboração valiosa ao conhecimento da contribuição alemã para o progresso do Brasil.

Anatol H. Rosenfeld